

Show de Verão da Mangueira celebra Alcione no Vivo Rio

PÁGINA 3



Longa de Karim Anôuz é atração em Roterdã

PÁGINA 5



Herdeiros de Tarsila reconhecem desenhos da artista

PÁGINA 7



2º CADERNO

Retemperando sambas imortais

Por **Leonardo Lichote** (Folhapress)

Jards Macalé relê obra de Zé Kéti com Sergio Krakowski Trio em disco político



Divulgação

Aline Muller/Divulgação



Jards Macalé e os músicos do Sergio Krakowski Trio se unem para reler o cancionário de Zé Kéti em 'Mascarada'

Pandeiro, piano e guitarra parecem caminhar a esmo, tateando o ar e construindo uma atmosfera rarefeita e tensa. Depois de um minuto, uma voz dá forma mais definida àqueles sons, entoando os versos conhecidos de “Opinião”, cantados em andamento bem mais lento do que o de costume. As palavras ganham outro peso. A certa altura, ouvimos uma lista de nomes de negros vítimas da violência policial.

“Opinião” é uma das faixas de “Mascarada”, álbum no qual Sergio Krakowski Trio e Jards Macalé unem forças para reler canções de Zé Kéti.

A densidade angustiada da gravação, a inventividade livre do arranjo, a carga política presente ali - “Opinião” guarda muito das características do projeto, registrado em 2019 em Nova York e lançado agora em vinil e nas plataformas de streaming pela gravadora Rocinante.

“Mascarada” foi uma decorrência do trabalho que o Sérgio Krakowski Trio - grupo fundado em Nova York que, além do percussionista que o batiza, tem o guitarrista Todd Neufeld e o pianista Vitor Gonçalves - vem desenvolvendo nos últimos anos.

Depois de lançar em 2016 um disco de composições próprias, eles começaram a fazer experiências sobre o samba, inclusive com canções como “Mascarada”. “Até que um dia Todd sugeriu que fizéssemos um disco em homenagem a Zé Kéti”, diz Krakowski. “E ele

mesmo trouxe a ideia de ser com Jards”.

Na hora, Krakowski aprovou com entusiasmo. Veio à sua memória o dia em que Jards deu uma canja numa apresentação do Anjos da Lua - grupo que comandava bailes de samba que marcaram época na Lapa nos anos 2000 e que tinha o percussionista

na sua formação.

Krakowski conta como ficou impressionado ao dividir o palco com Jards naquela ocasião na Lapa. “O que une Jards e o trio é a reverência ao silêncio. O subentendido mais do que o explícito. Muito da expressividade dele se dá por aí. E naquela

noite ele conseguiu criar a mágica, essa expressividade do silêncio, no Clube Democráticos, naquela zona, naquele esporro, naquela energia de festa. Tinha que ser ele agora. E Jards tem uma história de vanguarda, é o maluco que toparia essa aventura.”

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

Liz Wood



As imagens mostram a vida e cultura na Índia

Exposição retrata os estilos de vida na misteriosa Índia

A exposição “Retratos da Índia” fica em exibição até o dia 8 na MBlois Galeria de Arte, em Ipanema. As imagens trazem intensidade nos retratos e nas cores, sob o olhar sensível da fotógrafa brasileira Liz Wood, também produtora e curadora deste e de outros projetos culturais. A artista, com mais de duas décadas de atuação na cena

cultural brasileira, captura nuances do cotidiano em diferentes regiões do país, transportando o espectador para cenários que vão além dos clichês turísticos com a seleção das 20 obras.

A exposição marca, também, a apresentação do livro do projeto “Ayurveda | Modo de Viver e Suas Origens”, de Renata de Abreu.

Acústicos

Revisitando Acústicos”, projeto do músico e pesquisador Charles Gavin (ex-baterista dos Titãs) que resgata o repertório de álbuns acústicos emblemáticos, como os de Rita Lee e Titãs, está de volta ao palco do Manouche nesta quinta (1º), a partir das 21h.

Reserva técnica

Pouca gente sabe da importância da reserva técnica para os museus. Este é o tema do 11º vídeo do projeto Álbum/MNBA, que vai ao ar nesta sexta-feira (2) no YouTube com o depoimento do museólogo e professor Cícero de Almeida.

Carnabeatle

Está no ar o single “Here Comes The Sun”, a versão do Bloco do Sargento Pimenta para a música mais tocada dos Beatles nos aplicativos digitais. O registro para o hit composto por George Harrison tem as participações de Zabelê e Mitch Davis.

Roda de samba

Charlles André continua com sua temporada de seu pagode com convidados na “Roda de Samba Meu Amigo Charlles”, que acontece todas as quintas, a partir das 18h, no Santuário do Samba, próximo à Portelinha, em Madureira.



Jards Macalé e os músicos do Sergio Krakowski Trio nos bastidores da gravação realizada em 2019 no estúdio Brooklyn Recording, em Nova York

‘Mascarada desmascara o samba. O samba fica livre’

Pode-se dizer, porém, que a história de “Mascarada” começa bem antes, em 1965. Foi quando Jards começou a tocar no espetáculo “Opinião”, que reunia Maria Bethânia - substituindo Nara Leão, cantora da formação original -, João do Vale e Zé Kéti. “Me tornei amigo de Zé Kéti. Saía com ele pela cidade, pra beber pelos bares, conhecendo seus sambas”, afirma Jards.

Já ali, Jards se mostrava encantado pelas criações do compositor. “Em ‘Acender as Velas’, tem aquele momento em que a melodia sobe: ‘O doutor chegou tarde demais’. Isso é maravilhoso, é Villa-Lobos. E faz todo sentido com o que está sendo dito na letra”, avalia.

“Acender as Velas” é uma canção sobre a banalidade da morte na

favela. “Opinião” trata da manutenção da dignidade sob a opressão, na fala de uma pessoa que defende seu direito de morar no morro. “Prece de Esperança” clama pela paz “para não ver o mundo se matar”. “Peço Licença” pede licença para o exercício do amor.

As quatro estão no disco. Krakowski conta que as letras dos sambas de Zé Kéti também motivaram a escolha por seu nome. “O que ele fala é muito importante para a gente”, diz o percussionista, ressaltando que a música de Zé Kéti não se resume ao aspecto social. “Ela tem o caráter da política mas também o do lirismo sem barreiras. Zé Kéti tem essa síntese, ao mesmo tempo é poético e combativo”.

Krakowski vê na obra de Zé Kéti um posicionamento, poético e combativo, no mundo de hoje.

Jards reconhece nela “uma conversa com o Brasil de hoje e de sempre”. “Como ele canta em ‘Eu Sou o Samba’, ‘Essa é a melodia de um Brasil feliz’. A gente tá procurando esse Brasil feliz há muito tempo”.

A ideia do trio, na qual Jards se engajou de peito aberto, era reler Zé Kéti de maneira livre. Os quatro ensaiaram juntos e, quando adquiriram intimidade com o jeito de tocá-las, partiram para a gravação, num ambiente aberto de improvisação.

“Me lembrou meu disco com Naná Vasconcellos, ‘Let’s Play That’”, diz Jards. “Gosto de trabalhar assim. O ensaio é libertário, você constrói o chão no qual depois você pode se soltar”.

Krakowski define a música do trio como “reverência ao samba sem cair no formalismo”. “Nós respeitamos o pulso do samba, suas harmonias, na medida em que saímos deles e voltamos a eles. É uma tradição de invenção sobre o samba na qual nós temos interlocutores: o próprio Jards, Itamar Assumpção e mesmo o Paulinho da Viola de momentos como ‘Sinal Fechado’”.

Jards sintetiza: “Mascarada desmascara o samba. O samba fica livre”. Jards considera a possibilidade de desagradar aos mais puristas. “Se tiver algum preconceito, fodasse. Invenção é invenção. O samba também é uma invenção do povo brasileiro”.

Verde, rosa & Marrom

Manguieira homenageia Alcione no tradicional show da escola no Vivo Rio com participações de Chico Buarque, Dudu Nobre, Fernanda Abreu, Pretinho da Serrinha e Xande de Pilares

O tradicional Show de Verão da Manguieira acontece novamente em 2024, celebrando os 50 anos de carreira de Alcione, a homenageada da escola no próximo carnaval. Ela subirá ao palco ao lado de Chico Buarque, Dudu Nobre, Fernanda Abreu, Pretinho da Serrinha e Xande de Pilares.

O espetáculo teve sua primeira noite nesta quarta (31) e segue nesta quinta-feira (1) no Vivo Rio. O espetáculo, uma festa em

verde e rosa, terá ainda a participação especial da Velha Guarda Musical da Manguieira, dos intérpretes Marquinhos Art'Samba e Dowglas Diniz e da bateria da Verde e Rosa.

Com direção geral de Túlio Feliciano, produção geral de Vinícius França e direção musical de Pretinho da Serrinha, o show passará por grandes sucessos da carreira de Alcione, além de algumas pérolas do repertório dos artistas participantes. A bateria da Manguieira encerra as duas noites



Alcione, que completou 50 anos de carreira em 2023, é o enredo de sua escola de coração

apresentando o samba de 2024, 'A negra voz do amanhã', resgatando ainda alguns dos maiores clássicos da história da Verde e Rosa.

O Show de Verão da Manguieira chega a sua 19ª edição em 2024 e foi criado para o carnaval de 1998, quando Chico Buarque foi enredo

da escola e levou a Verde e Rosa a mais um campeonato. De lá para cá, participaram do evento alguns dos mais importantes nomes da música brasileira, como Gal Costa, Maria Bethânia, Fafá de Belém, Elba Ramalho e Maria Rita, entre outros.

SERVIÇO

SHOW DE VERÃO DA MANGUEIRA CELEBRA ALCIONE
Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo) | 31/1 e 1/2, às 21h
Ingressos entre R\$ 90 e R\$ 520

Muita história pra contar (e cantar)

Com 59 anos de carreira, The Fevers leva seus sucessos ao Teatro Riachuelo

Eles têm muita história pra contar (e cantar). Com 59 anos de carreira, o The Fevers segue rodando o país com os shows da sua turnê "Do Vinil ao Digital". Nesta quinta-feira (1º), o grupo se apresenta no Teatro Riachuelo.

O The Fevers surgiu em 1965 quando o baixista Liebert fundou com seus amigos Pedrinho da Luz, Almir Bezerra, Cleudir

Borges e Lécio Nascimento, o conjunto The Fenders. Os integrantes mudaram de nome porque Fender era o nome de uma marca de fabricante de guitarras e contrabaixos.

Então, o guitarrista Pedrinho lembrou-se de uma música de Elvis Presley chamada Fever, assim os integrantes mudaram o nome do conjunto para The Fevers.



O The Fevers em sua atual formação: 59 anos de estrada

"A mudança do vinil para o CD começou de forma gradual, depois acelerou direto", diz o atual vocalista Luiz Claudio. "Entre 1995 e 2000 lançávamos nossos trabalhos nas duas mídias", conta.

E os reis do baile garantem

muitos sucessos com Liebert (baixo), Luiz Claudio (vocal), Rama (guitarra e violão), Otávio Henrique (bateria) e Claudio Mendes (teclados e vocal) comandando a festa. Hits como as músicas "Mar de Rosas" e "Vem me Ajudar" es-

Divulgação

tão em todos os seus shows.

Para a banda os shows inescutíveis aconteceram no Maracanãzinho, com participação de Tim Maia, quando The Fevers completaram 20 anos. Outro show que marcou foi na Quinta da Boa Vista, também no Rio de Janeiro. Uma experiência importante foi a gravação, em Recife, do DVD do grupo em 2005. The Fevers também marcou presença em vídeo no DVD de 50 anos da Jovem Guarda, que aconteceu em São Paulo ao lado de Erasmo Carlos, Golden Boys e Wanderléa.

SERVIÇO

THE FEVERS - DO VINIL AO DIGITAL
Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 40 - Cinelândia) 1/2, às 20h
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Para o público do Festival de Roterdã, na Holanda, a perdição imperdível desta quinta vem do Senegal, carregada de tintas mágicas, já referendadas por Cannes, com uma indicação à Palma de Ouro: “Banel et Adama”. Sua realizadora, Ramata-Toulaye Sy, hoje se agarra com orgulho às vagas que vem conquistando nas maiores maratonas audiovisuais do Velho Mundo.

Em maio do ano passado, na Croisette, a revista “Screen” atribuiu elogios a ela na resenha escrita por Wendy Ide. Segundo a resenhista, o filme é uma “fábula atmosférica” e “cresce na sua segunda metade e será de interesse para os distribuidores de filmes independentes”. Quem ainda não o incluiu em sua lista de achados de Roterdã deve fazê-lo pra ontem.

“Não quero um cartão postal do Senegal, mas, sim, imagens não saturadas, apoiadas em referências de Van Gogh e Munch. Tentei dialogar com a literatura sem me deixar embevecido por lirismos da prosa”, disse Ramata-Toulaye ao Correio da Manhã, em Cannes.

O que existe de ousadia nessa love story no Senegal (terra dos ancestrais da diretora, que nasceu há 37 anos em Paris e lá estudou) é seu flerte com o realismo mágico. Há até uma revoada de aves que inundam o céu com o aviso funesto de uma tragédia. Khady Mane é Banel, jovem que se casa com Adama (Mamadou Diallo) em entender os interditos culturais de seu povo ligados ao benquerer. A percepção de que seu romance incomoda, ela gravita por veredas do risco.

“É da literatura que o realismo de tons fantásticos, cercado de magia, brotou para dentro da minha narrativa”, explica a cineasta. “Ele passa por Faulkner, entre muitos autores mais ou menos alinhados com essa perspectiva mágica. Eu busquei ir além da comédia romântica clássica, com a qual o cinema nos marcou, explorando potências que nos tiram do real, pois não quero fazer um manifesto, um fil-



Uma história de amor em tons mágicos alimenta ‘Banel & Adama’, novo trabalho da diretora Ramata-Toulaye Sy

Rodrigo Fonseca

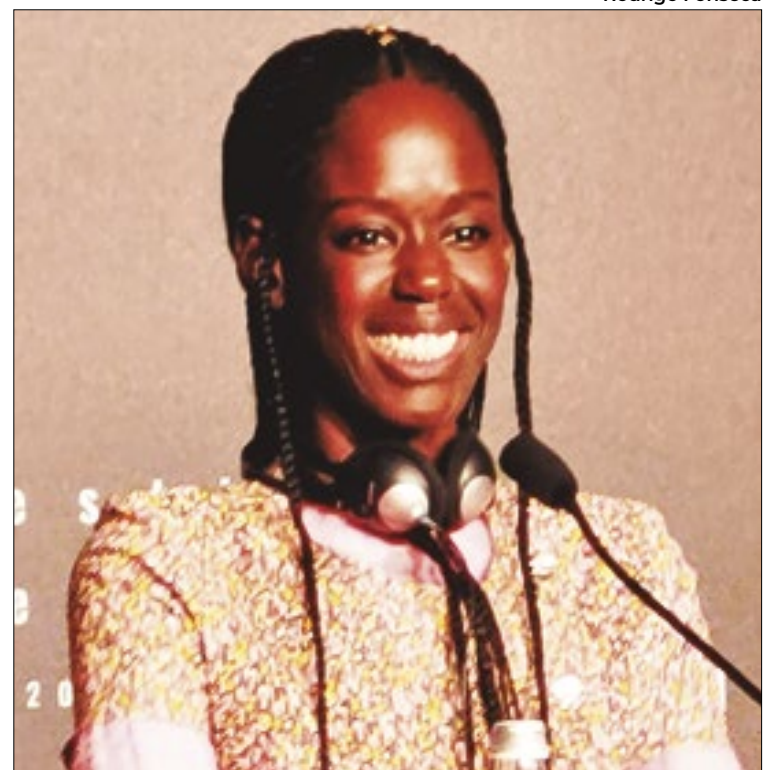
Senegal em modo fabular

Representante do continente africano no Festival de Roterdã, ‘Banel & Adama’, história de amor com realismo mágico, consagra a diretora Ramata-Toulaye Sy, entusiasta da literatura

me social. É a história de um amor, ainda que fantasmas do escravismo contra o povo negro apareçam em algum lugar ali. Ainda sobre referências, a Hkady viu ‘Camille Claudel’, o filme, para construir sua personagem de modo a tornar crível que, hoje, ainda se enlouquece de amor. Existe uma dimensão de tragédia no filme, mas também existe a banalidade da vida, que não

pode ser descartada”.

Pilares autorais do cinema produzido por países africanos - como Souleymane Cissé, do Mali - estão no radar de Ramata-Toulaye, mas não engessam sua dinâmica criativa. “Respeito a obra dele, assim como admiro outros filmes de colegas africanos. Mas eu, que nasci na França, não cresci com essas narrativas da África. Eu só fui descobri-las



mais tarde”, disse a cineasta. “São filmes que demoram a circular. Sou vista aqui como alguém recém-chegada. Mas eu tenho um currículo. Não sou uma desconhecida. Estudei cinema. Estou aqui. Veja o que tenho a dizer com meus filmes”.

Ontem, o Brasil botou Roterdã de joelhos com “A Paixão Segundo GH”, de Luiz Fernando Carvalho. Num “bloco do eu sozinho”, radical, mas afetivo, Maria Fernanda Cândido brinda o cinema com seu talento

e carisma numa atuação solo em que reage, com uma suavidade de gestos, ao texto de Clarice Lispector (1920-1977), publicado em 1964. A trama esbanja existencialismo: Depois de despedir a empregada, G.H. inicia uma faxina no quarto de serviço e vê uma barata. Enojada do inseto, ela decide esmagá-lo. Nesse gesto, diante da massa pastosa e branca da barata morta, ela embarca num processo de desmontagem de sua condição humana.

Filme à inglesa do cineasta cearense, indicado à Palma de Ouro de Cannes, pede passagem nas telas de Roterdã, enquanto o diretor finaliza 'Motel Destino', rodado no Nordeste

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Há uma torcida formada, já de véspera, para que "Motel Destino", novo filme de ficção do cearense Karim Aïnouz, possa integrar a competição da Palma de Ouro do Festival de Cannes de 2024, em maio, embora não se saiba ainda se o longa-metragem – estrelado por Fábio Assunção – estará pronto até lá. Em meio a essa expectativa, o filme mais recente do diretor, exibido na Croisette, em concurso, no ano passado, bate ponto agora na seleção oficial de Roterdã, na Holanda: "Firebrand". Tem projeção dele no evento holandês hoje e no sábado, na mostra Limelight.

Visualmente exuberante, "Firebrand" narra o embate entre a rainha Catherine Parr (1512-1548) e o rei Henrique XVIII (1491-1547), numa narrativa de intrigas palacianas e amorosas, da qual se espera fragrância feminista que perfuma sua estética sempre. A sueca Alicia Vikander (oscarizada por "A Garota Dinamarquesa") encarna Catherine e Jude Law vive o monarca inglês, num desempenho esplendoroso. Bati-



Divulgação

É dia de Karim na Holanda

Alicia Vikander é a estrela de 'Firebrand', que valeu uma indicação à Palma de Ouro para Karim Aïnouz



Divulgação

Karim Aïnouz no set de filmagens de seu projeto mais ambicioso com atores hollywoodianos

proposto, falavam pra mim assim: 'É a história da primeira mulher que publicou um livro na Inglaterra.' Isso é um dado relevante. Catherine fez isso. Mas não era a esse gesto que eu queria reduzi-la. Queria falar desse filme a partir de uma perspectiva política", disse Karim ao Correio, em Cannes. "Olhando a relação dela com as figuras de poder de seu tempo, na relação com aquele rei vivido pelo Jude Law, eu tenho a sensação de que estou falando de uma mulher que se casou com o Trump e foi amiga do Che Guevara. É uma mulher que está num trapézio político da História".

Um dos filmes mais recentes do cineasta, o .doc "Marinheiro das Montanhas" (2021), rodado na Argélia, pode ser visto hoje no Brasil via streaming, no Globoplay. Sua comovente passagem pelo Festival do Cairo naquele mesmo ano – numa sala lotada de estudantes, anotando em seus caderninhos dados poéticos sobre a ponte afetiva entre a realidade argelina e o Brasil – ajudou a promover o filme na África, onde foca seu olhar.

Trata-se de uma espécie de inventário afetivo (de cicatrizes e de suspiros) de sua própria vida: "É um memoir de mim mesmo", define o diretor, ao documentar a relação de amor entre seus pais: a brasileira Iracema e Majid, um argelino. Eles se trombaram nos Estados Unidos, quando eram estudantes. Lá viveram uma love story parecida com as paixões de melodrama filmadas por Karim. Foram felizes até que Majid voltou pro seu país de berço, em 1965. Karim cresceu sem ele e só foi conhecê-lo quando já tinha 20 anos. Iracema nunca mais se casou. Mas da memória do que foi vivido ficou uma caixa de slides. O longa nasce dessa caixa. E de uma jornada onde o diretor pegou um barco de Marselha e foi parar na Argélia, no vilarejo de onde seu pai vem, que é uma região montanhosa, onde neva. Sua mãe, que morreu em 2015, opera na narrativa como sendo uma espécie de companheira imaginária.

Roterdã encerra suas atividades neste domingo.

zado na França como "Le Jeu de la Reine", o longa foi escrito pelas irmãs Henrietta e Jessica Ashworth, autoras da série "Killing Eve". O elenco traz ainda Sam Riley (que foi dirigido por Walter Salles em Na Estrada) e Eddie Marsan (que fez 7 Dias em Entebbe com José Padilha). A francesa Hélène Louvart – laureada em fevereiro com o Urso de Ouro de Melhor Contribuição Artística no Festival de Berlim deste ano, por "Disco Boy" – assina a direção de fotografia desse "Game of Thrones" de Karim. Ela fotografou "A Vida Invisível" no Rio de Janeiro.

"Quando esse projeto me foi

'Adoraria ter uma tela em branco para fazer humor na Globo'

Antonio Tabet avalia como positiva sua experiência numa novela

Por Leonardo Volpato
(Folhapress)

“**T**odo mundo fala que o [Fábio] Porchat só trabalha, mas agora ele está de férias três meses e quem não tem dormido sou eu”. É dessa forma bem-humorada que começa o bate-papo da reportagem com o ator e comediante Antonio Tabet, que atualmente pode ser visto em “Elas por Elas” na pele de Fagundes, seu primeiro personagem de novelas.

“Tem sido uma experiência completamente nova e enriquecedora. Em nenhum momento fico amedrontado, pelo contrário, me

sinto confiante e tenho liberdade da [diretora] Amora Mautner para improvisar”, comenta ele, cuja inspiração para o assassino frio e de poucas palavras é o vilão Mike da série “Breaking Bad”.

No ar em horário nobre, ele conta que vem sentindo um retorno muito grande a respeito das maldades que apronta na trama, e recorda da cena de um capítulo recente em que enterrou Míriam (Paula Cohen) viva. “Só ainda não apanhei no mercado”, diverte-se.

O trabalho tem dado resultado e já há convites para futuros trabalhos na Globo, dentre eles outro folhetim. Mas, como Tabet não dorme, ele quer mais. A ideia dele é tentar levar para a emissora uma

Vibrando com a oportunidade

Raphael Logam terá primeiro grande papel em novelas em ‘Família é Tudo’

Por Gabriel Vaquer (Folhapress)

Famoso junto ao público por ter sido destaque em diversas séries, como “Impuros” e “Os Outros”, o ator Raphael Logam fará seu primeiro grande papel em uma novela com “Família é Tudo”, próxima trama das sete da Globo, que estreia em março.

O ator admite que, por ser o primeiro folhetim em um grande papel, existe uma certa ansiedade,

sim. O tal do “frio na barriga”, com o perdão do clichê.

Antes de “Família é Tudo”, Raphael Logam havia feito apenas pequenas participações em tramas da Globo para o horário das nove, como “A Regra do Jogo” (2015) e “Amor de Mãe” (2019-2021). “Fiz algumas participações pequenas em diversas tramas. Essa, de fato, é a mais longa. A preparação foi corrida porque vim de outro trabalho,

Reprodução Instagram



No ar como vilão em ‘Elas Por Elas’, ator afirma que tem o desejo de apresentar projetos criativos na emissora, como uma série do personagem Peçanha, do Porta dos Fundos

série do personagem policial Peçanha, conhecido do canal Porta dos Fundos e que também deverá virar peça teatral em formato de monólogo mais para o meio do ano. Um filme dele também já está esqueletado.

“Seria sucesso absoluto na TV, não teria a menor chance de dar errado, pois é o personagem mais popular do Porta e rompeu fronteiras. Num Brasil polarizado, ele pode ser querido pelas pessoas que enxergam nele uma crítica ou sátira

e também por quem vê apenas uma caricatura”, opina o comediante sobre o espírito irônico e zombeteiro do militar bigodudo.

Aliás, mesmo com a concorrência dos meios digitais, Tabet considera que a Globo segue sendo a maior vitrine do Brasil. Justamente por isso que há o interesse em fazer uma parceria com o canal. “Eu adoraria ter uma tela em branco para fazer humor ou entretenimento na Globo. Agora, convivendo lá dentro, noto que existe essa criatividade

pujante”, reforça.

Além dos projetos artísticos, Antonio Tabet também tem como interesse fazer crescer seu mais novo investimento na web: o canal de esportes Goat, que já beira os 2 milhões de inscritos no YouTube. O foco é transmitir ao vivo campeonatos em todo o mundo. Atualmente, ele tem os direitos de transmissão de jogos da Bundesliga, da Liga Saudita e dos campeonatos Carioca, Cearense e Pernambucano.

“A gente começou a perceber que o consumo de esportes e eventos estava mudando, as pessoas consomem mais de uma tela. Nosso intuito é transmitir de um jeito mais heterogêneo e que agrade a gregos e troianos. Tem outros canais muito chapa branca ou com mais zoeira. Resolvemos fazer um híbrido”, avalia.

Tabet e seu sócio têm pensado em outros conteúdos para agregar à plataforma, como um reality para encontrar ou formar novos comentaristas e narradores. Para isso, querem explorar a inclusão.

“Queremos gente de lugares distantes do eixo Rio-SP e outras minorias para inserir nesse mercado que é machista. A ideia é pluralizar de um jeito que não pareça só um movimento social. Desejamos formar bons profissionais”, almeja.

Divulgação/TV Globo



Logam com a caracterização de seu personagem

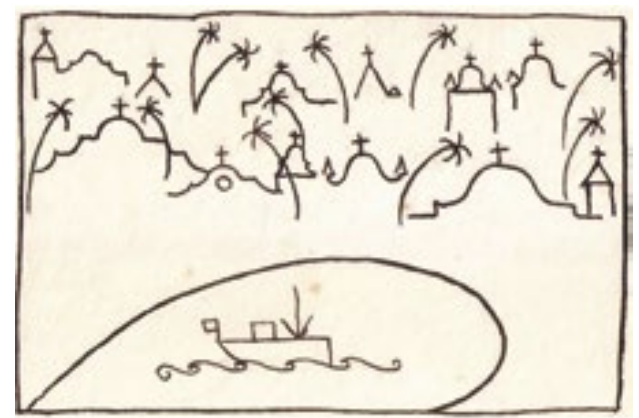
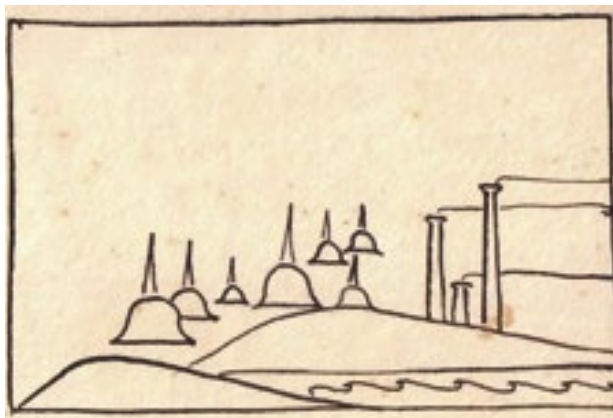
mas fui muito bem recebido pelos colegas de cena e pela equipe. Hans tem um arco dramático maravilhoso. Vai dar pra brincar bastante - com responsabilidade, claro”, afirma Logam.

Ele conta que ainda não sen-

tiu a diferença de atuar em novela e série neste início de gravações, mas acredita que isso ficará mais evidente futuramente, junto com a repercussão da novela em que será antagonista. “Venho numa batida boa de trabalho nos streamings e

teatro. Graças a todos os deuses e deusas. E agora com esse desafio de estar em um produto mais longo. Confesso que ainda não senti muita diferença porque estamos no início. Acho que vou entender a dimensão quando passar uns quatro meses de trabalho. E sobre set de filmagem, a novidade está sendo conhecer novas pessoas”, comenta.

Na trama de “Família é Tudo”, Frida Mancini (Arlete Salles) é dada como morta durante a viagem de navio em comemoração ao seu aniversário. Uma comoção toma conta das pessoas que viviam ao redor dela. “Família é Tudo” é escrita por Daniel Ortiz, autor de sucessos como “Alto Astral” (2014), “Haja Coração” (2016) e “Salve-se Quem Puder” (2020-2021). A direção é de Fred Mayrink, parceiro de Ortiz em outros trabalhos.



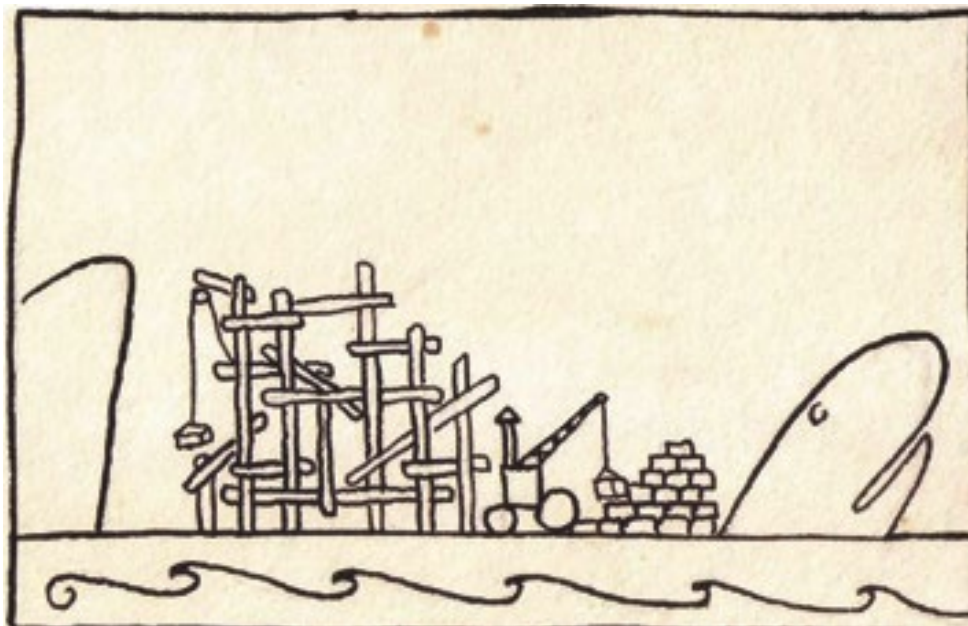
Supostos desenhos de **Tarsila do Amaral** são tratados como **autênticos por herdeiros**

Ilustrações alvo de processo na Justiça por reconhecimento de autoria foram base para a produção de NFTs agora à venda

Por João Perassolo (Folhapress)

Um conjunto de desenhos que teriam sido feitos por Tarsila do Amaral, grande nome da pintura modernista, e que viraram alvo de um processo na Justiça para terem sua autenticidade reconhecida, apareceram num site de comercialização de NFTs como sendo autênticos.

Os desenhos datam da década de 1920 e mostram paisagens do litoral brasileiro. Eles foram usados pela empresa suíça Zeitzlts como base para a geração de NFTs, uma espécie de obra de arte digital com certificado de autenticidade. Ao todo, são 225 NFTs de ilustrações coloridas — feitas a partir das originais —, sendo comercializados por 0,3 ETH cada, o equivalen-



Ilustrações atribuídas à Tarsila do Amaral, um dos nomes mais importantes do Modernismo Brasileiro

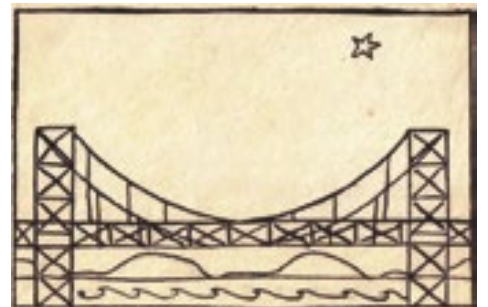
te a cerca de R\$ 3.300.

Chamado apenas “Tarsila”, o e-commerce foi autorizado por ao menos três herdeiros de Tarsila, e é um dos novos projetos relacionados à obra da modernista tocados por Paola Montenegro, sobrinha-bisneta da pintora agora à frente da empresa que cuida dos direitos autorais de sua tia.

Os desenhos são alvo de um processo na Justiça movido pelo tradutor Alípio Neto, o proprietário das obras, que bus-

ca a certificação de autoria. Ele pede que especialistas em Tarsila reconheçam a veracidade das ilustrações e que elas sejam incluídas numa eventual nova edição do catálogo raisonné da artista, considerado o guia definitivo de seus trabalhos.

Os desenhos não entraram na publicação, não tiveram a aprovação unânime da comissão de especialistas que determinam o que é ou não Tarsila e não foram sancionados por Tarsilinha, a herdeira da pintora que cuidava dos direitos da artista



à época da publicação do catálogo. Não há previsão de que o livro seja reeditado.

Paulo Montenegro, um dos herdeiros de Tarsila, diz não poder atestar “de forma alguma” que os desenhos são originais. “Eu não sou um expert no assunto.”

A reportagem teve acesso a um documento tratando da produção dos NFTs assinado por Montenegro e por Luis Paulo Estanislau do Amaral, outro herdeiro de Tarsila. Nestes papéis, os desenhos aparecem como sendo originais da pintora.

Questionado se isso não seria admitir a veracidade das obras, Montenegro diz que “não tinha olhado por esse lado” mas que, ao assinarem o documento, “indiretamente nós [os herdeiros da artista] estamos reconhecendo a autenticidade”.

Mario Solimene Filho, advogado de Alípio Neto, o proprietário dos desenhos, afirma que os NFTs e a autorização da família de Tarsila são a maior demonstração de que as obras são autênticas.

Daniela Zschaber, gerente de estratégia da Zeitzlts no Brasil, diz que a empresa “tem a certeza da originalidade das obras”. Segundo ela, a Zeitzlts tem o propósito de difundir a arte brasileira no exterior.

UM BOM JORNAL
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA
E NEM DE DIREITA
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM
DE INFORMAR
A VERDADE
E NÃO IMPOR
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR
E VONTADE DO ELEITOR .

Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

correiodamanha.com.br @correiodamanha